

A alternância entre "b" e "v" em palavras de origem indígena no Português do Brasil

Brian F. Head
(SUNY/Albany e Universidade do Minho)

0 Introdução Este trabalho constitui uma pequena contribuição para o estudo da adaptação de palavras indígenas à língua portuguesa. Será examinada uma das propriedades típicas do português do Brasil que, parece-me, não tem recebido a devida atenção por parte dos que se ocupam da descrição de variedades contemporâneas brasileiras ou da história e desenvolvimento da língua portuguesa, especialmente no que se refere à natureza e formação dos brasileirismos. Trata-se da alternância entre "b" e "v" em palavras de origem indígena.

1 Documentação da alternância entre "b" e "v" Para os presentes fins, consideram-se informações de várias fontes: (a) trabalhos especializados (neste caso, um vocabulário de brasileirismos, um trabalho sobre etimologias indígenas e um dicionário histórico das palavras de origem tupi), (b) um léxico geral brasileiro da língua portuguesa e (c) um atlas linguístico.

1.1 Beaurepaire-Rohan (1889) O *Dicionário de vocábulos brasileiros (DVB)*, de Beaurepaire-Rohan, inclui vários vocábulos de origem indígena com formas diferentes, em parte ou tão somente no tocante ao uso de "b" ou "v" em certos segmentos. Os seguintes extractos de verbetes do *DVB* exemplificam a alternância:¹

AIHVA, *adj. m e f* (São Paulo, Paraná) mau, ruim, sem valor, sem préstimo. Também se pronuncia *ahiba*...

BICUÍBA, *s. f.* nome comum a diversas espécies de plantas... Também lhes chamam *Bucuhiva*

CAPUÁBA, *s. f.* (*Par. do N., R. Gr. do N.*) cabana, chóça. Em São Paulo e Paraná pronunciam *capuáva*, e é esse o nome que dão a qualquer estabelecimento agrícola com destino à cultura de cereais, feijões, mandioca e outros mantimentos.

GUAPÉBA, *s. f.* nome comum a diversas espécies de plantas frutíferas

¹ De modo geral, mantêm-se no presente trabalho a ortografia e os sinais especiais das citações, tanto quanto possível.

Também dizem *Guapêva*

ITAIPÁVA, *s. f.* recife que, atravessando o rio de margem a margem, o torna vadeável nesse lugar. Em Goiás dão-lhe o nome de *Itaipava* e *Itaipaba*

MARANDUBA, *s. f.* (Maranhão) petá, fábula, conto. *Etim.* Corruptela de *moranduba*, vocábulo tupi e guarani, com a significação de notícia, história, narração, relação, etc. Em ambos os dialetos é indiferente dizer *moranduba* ou *poranduba*

PACÓBA, *s. f.* nome que davam os povos de raça tupi, às espécies de Bananas naturais do Brasil e do Paraguai. Este nome, sob a forma de *Pacóva*, ainda é usual no Piauí, Maranhão e Pará. Nesta última provincia, só dão o nome de Banana às espécies exóticas. No Rio de Janeiro se aplica exclusivamente o nome de *Pacoba* a uma espécie notável pelo grande desenvolvimento da fruta

PERÉBA, *s. f.* erupções cutaneas pustulosas. Em alguns lugares é designativo da sarna. No dialeto amazoniense dizem *peréua* ou *meréua*. No Rio Grande do Sul dizem *pereva*, para designar certa ferida cascuda

UBAIA, *s. f.* (Pern.) o mesmo que *Pitombo* [certa fruta]

UVÁIA, *s. f.* (Rio de Jan., S. Paulo e outras prov.) fruta da Uvaieira. de que há diferentes espécies. É de origem tupi, e tem a mesma significação que *Uháia*, isto é, fruta azeda

XERIMBÁBO, *s. m.* (Vale do Amaz.) qualquer animal de criação doméstica. No Paraná dizem *Mumbavo*.

Observa-se que o Autor menciona vários casos de diferenças de pronúncia, geralmente de uma região para outra. Segundo as suas observações, podem ocorrer distinções de significado juntamente com as diferenças de forma: comparem-se os casos de *capuaba* / *capuava*, *pacoba* / *pacova*, *pereba* / *pereua* ou *mereua* / *pereva* e *ubaia* / *uvaia* com o de *guapeba* / *guapeva*. Das palavras com mais de uma forma, a variante principal (dada no início do verbete) em alguns casos é com "b" (p. ex., *pacoba*), em outros é com "v" (p. ex., *itaipava*). No caso de certos vocábulos, porém, não se deve considerar como principal nenhuma das duas ou mais formas, visto que estas são usadas em diferentes regiões ou estados, segundo as indicações do *DJB*.

O *DJB* apresenta formas de alguns dos vocábulos de origem indígena que diferem, no tocante ao uso de "b" ou "v", daquelas que são dadas comumente por outros autores. Por exemplo, o *DJB*

averba, sem indicar outra variante, a forma *saíha*, para designar uma espécie de formiga, à qual muitos dão o nome de *saíva*²

1 2 Rodrigues (1958) Na sua *Contribuição para a etimologia dos brasileirismos*, A Dal'Igna Rodrigues ocupa-se exclusivamente de étimos documentados do tupinambá para a descrição de "brasilismos"³ A *Contribuição* trata dum número bem maior de palavras de origem indígena do que o DVB, pois este inclui termos de diversas origens, sem desenvolver especialmente nenhuma área. Além disso, a *Contribuição* trata os materiais de forma analítica: de modo geral, identifica os étimos, documenta-os e analisa-os segundo os componentes significativos. É de grande interesse a descrição da composição, visto que muitos brasileirismos provêm de vocábulos compostos na língua indígena⁴

Entre os elementos formativos identificados pelo Autor, há vários qualificativos que se representam na composição, conforme a palavra, por "b" ou por "v" ou por ambas as letras em

² Recorde-se o estribilho de Macunaíma: "Pouca saúde e muita saúva os males do Brasil são". As saúvas constituem uma das maiores pragas agrícolas do país, o que levou o naturalista A. Saint-Hilaire a declarar, no século passado: "Ou o Brasil acaba com a saúva, ou a saúva acaba com o Brasil". Tal como acontece nestas citações, a forma mais comum é *saúva*, não *saíha*

³ O termo *tupinambá* designa o tupi antigo, a língua falada no litoral do Brasil nos séculos XVI e XVII por vários grupos de índios, também designados pela mesma palavra, e que se estendiam desde São Vicente (perto da actual cidade de Santos, o porto de São Paulo), ao sul, até ao Maranhão, ao norte. Foi certamente essa a língua indígena que maior influência teve na formação do léxico típico do português do Brasil durante o período colonial. Convém lembrar que o tupi antigo pertence a um complexo de sistemas linguísticos no qual se incluem outras línguas que tiveram influência no léxico do português brasileiro. Entre estas, destacam-se o guarani antigo, documentado no séc. XVII numa área que abrangia o sul do Brasil, o Paraguai e o nordeste da Argentina, o nheengatu (ou tupi moderno), do norte do Brasil (sobretudo da Amazônia brasileira), e o avanheém (ou moderno guarani-paraguaio). São notáveis as contribuições do guarani e do nheengatu para o vocabulário regional do português brasileiro, nas suas respectivas áreas de contacto com a língua portuguesa (Para maiores informações sobre as línguas indígenas do Brasil, v. Rodrigues, 1986)

⁴ Quanto à análise dos compostos, o Autor adopta o seguinte critério: "o composto só é considerado evidente quando ele se explica pelos padrões de composição da língua indígena e apresenta sentido condizente com o do brasileirismo" (p. 3)

diversas variantes 'yub ("amarelo"), o'bi ("azul, verde"), 'peb ("chato"), 'rob ("amargoso") e a'ib ("ruim"). O trabalho apresenta, com descrições dos componentes dos compostos, vários vocábulos com alternância entre "b" e "v" nos referidos qualificativos, tais como:

- boipeba, boipeva ... "cobra da fam dos colubrídeos" < 'mou'peba ('moy "cobra" + 'peb "chato" + -a "nom").
 jaguapeba, jaguapeva ... "variedade de cães domésticos, que têm as pernas curtas" < *ya'war'peba (ya'war "jaguar, cão" + 'peb "chato").
 jaguaraiva ... "cachorro que não serve para a caça" T *ya'waraiba (yawar 'cão' + a'ib 'ruim' + -a 'nom') ...
 jiriba, jeruva, juruva ... "ave da fam dos momotídeos" ...⁵
 picuçaroba, caçaroba, caquirola, saroba, sarova ... "grande pomba silvestre" < pika'su'roba (pika'su "pomba" + 'rob "amargosa" + -a "nom")
 pirajuba ... "dourado, peixe da fam dos caracínídeos..." < pi'ra'yuba (pira "peixe" + yub "amarelo" + -a "nom."); pirajupeva ... "peixe da fam dos silurídeos." < *pi'ra'yu'peba (pi'ra "peixe" + yub "amarelo" + 'peb "chato" + -a "nom.")

Também há palavras com alternância entre "b" e "v" na própria base do termo composto, ou em outro elemento formativo além dos já mencionados; por exemplo:

- piaba, piava ... "peixinho de rio ..." < pi'aba [tipo de peixe], piavuna ... "esp de piaba preta" < *pi'a'buna (pi'ab "piaba" + 'un "preto" + -a "nom.")
 sabitu, içabitu, savitu, vitu, bitu ... "macho da formiga saúva" < sebi'tu.⁶

⁵ Embora cite a palavra *jiriba* (*jeruva*, *juruva*), a *Contribuição* não apresenta nenhuma hipótese quanto à sua constituição. Penso que se trata dum composto com o qualificativo *ob*, "azul, verde", segundo a forma e o significado que lhe são atribuídos no mesmo trabalho. Na documentação referente ao vocábulo *juruva* (apresentado com as variantes *giruba* e *jiriva*), A. Cunha (1982) — que também não analisa a composição do termo — cita o seguinte trecho do *Diálogo das Grandezas do Brasil* (1618): "Giruba -- são hũs passaros que tem as penas de verde cor de mar" [a ênfase é minha] (V. tb o desenho "Momotus momota (Linnaeus, 1766) hudu ou juruva" do manuscrito intitulado *Desenhos de Gíntios, Anmaes Quadrupedes, Aves, Amphihios, Peixes e Insectos* [sic!], Divisão de Manuscritos, Fundação Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro.)

⁶ Devido à redução das formas "sabitú" e "savítu", a alternância entre "b" e "v" encontra-se em posição inicial nas formas "bitú" e "vítu". Trata-se duma excepção, em geral, essa alternância nas variantes de brasileirismos de origem indígena só se encontra em posição intervocálica. (São poucos os brasileirismos de origem indígena com "v" inicial, em geral, eles provêm de formas com segmento inicial diferente das que deram origem a palavras com "b" nessa posição. Na língua de origem (isto é, no tupi antigo, com o qual os colonizadores portugueses tiveram contacto na costa do Brasil durante os séculos XVI-XVII), [b] em principio de palavra era precedido por nasal, [mb]. Segundo

saúba, saúva ... "esp. de formiga ..." < tsa "içá" ["fêmea alada da saúba"] + 'ub "pai" (?) + -a "nom.").

1.3 A. Cunha (1982) O primeiro dicionário histórico-etimológico especializado neste domínio, o *Dicionário histórico das palavras portuguesas de origem tupi (DHPT)*, da autoria de A. Geraldo da Cunha, inclui um conjunto extenso de palavras que o Autor considera de origem indígena e que não se encontram em nenhum outro trabalho de semelhante natureza.⁷ Os verbetes apresentam as variantes dos vocábulos, com indicação das centúrias em que elas se documentam, seguidas de exemplos, por ordem cronológica, que provêm de numerosos textos (dos séculos XVI a XX) consultados nos levantamentos para a obra. Dessa forma, o *DHPT* oferece abonações de variantes das palavras de origem indígena encontradas em documentos que abrangem todo o período da história da língua portuguesa no Brasil

Os verbetes do *DHPT* incluem bastantes exemplos de alternância entre "b" e "v" em elementos da composição lexical, os seguintes ocorrem nos mesmos qualificativos apresentados e analisados no trabalho acima referido (Rodrigues 1958).⁸

a'íua 'ruim' ... **piraíba** (também se documenta a variante *piraguiva*), taguaíba
 'íuaa 'amarelo' ... **ajuberaba**, **ajuruju**, **cabajuba**, **guarajuba**, **gurijuba**,
 jurujuba, murajuba, nambijuba, piracanjuba (também se

Anchieta (*op. cit.*, p. 2), "nunqua se pronuncia B. in principio dictionis ... vt pro *Baê*, dizse. *Mbaê* ..."

⁷ Não obstante o elevado número de vocábulos incluídos no *DHPT*, não se pode considerar exaustivo o levantamento de palavras portuguesas "de origem tupi" como observa o próprio Autor, "... são inúmeros os vocábulos portugueses de origem tupi ... registrados [no *Dicionário etimológico resumido*, de Antenor Nascentes] que não foram incluídos no *DHPT*, não porque, *a priori*, sua procedência tupi fosse posta em dúvida, mas simplesmente porque para esses vocábulos não foram encontradas abonações nos numerosos textos compulsados" (p. 15)

⁸ Num "índice analítico dos étimos tupis" (pp. 321-34), Cunha agrupa as formas principais das palavras portuguesas de acordo com os componentes indígenas que, segundo a sua análise da composição lexical, elas possuem em comum. Os conjuntos de termos compostos apresentados no presente estudo baseiam-se nas informações do referido "índice analítico"

documentam as variantes *pracañuba*, *piracañuba*), *pirajuba*, *sabijujuba*, *sucurijuba*, *tuijuba*
 o'mi 'verde, azul' *acaraobi*, *boiobi*, *caaobitinga*, *ibiraobi*
 'peua "chato, plano, liso" *acarapeba*, *boicumipeba*, *boioçupecanga*,
boipeba, *caapeba*, *cajupeba*, *cuiapena*, *cururupeba*, *guapeba* (com
 o deriv *guapebeira* e a var *guapeva*), *jabutipeba*, *jaguapeva* (var
jaguapeba), *jaguapopeba*, *jararacapeba*, *jataipeba* (var. *jataipeva*),
jurarapeba, *pacupeba* (var. *pacupeva*), *picuipeba*, *teripeba*,
tatupeba (e o deriv *tatupebuçu*), *uapé*, *ubapeba* (var. *ubapeua*)
 'roua "amargo" *andiroba* (e *andirobeira*), *araroba* (?), *caroba*, *guariroba*
 (var. *guarirova*), *jaguaroba*, *pariparoba*, *peroba* (var. *peroua*, entre
 outras), *picaçurova*

Nas palavras agrupadas com base nos elementos formativos em comum, encontra-se alternância entre "b" e "v" na representação dos qualificativos, tanto em casos de diversas formas do mesmo vocábulo composto, como de vários usos do mesmo qualificativo na composição de vocábulos diferentes. Considerem-se, por um lado, *picaçurova* em confronto com *guariroba* e outros vocábulos compostos com o mesmo qualificativo e, por outro, as variantes que ocorrem em casos como *piraiiba* / *piraguiva*

Segue-se uma relação de outros vocábulos com alternância entre "b" e "v" (ou outra alternância afim) que se encontram representados na copiosa documentação do *DHPT*. As variantes mais relevantes para o presente estudo estão entre parênteses, depois da forma apresentada como principal na referida obra⁹

acarapeba (*carapeba*, *carapeua*), *babaçu* (*uauassú*), *bocaiiva* (*bocayuba*),
capivara (*capihara*), *capuaba* (*capuava*), *caboclo* (*cauoucolo*), *coivara*
(coihara), *embaiba* (*embaiva*), *guapeba* (*guapeva*), *igaçaba* (*igaçava*),
jurubeba (com o derivado *jurubeba* e as var *jurubeba*, *jeroveva*, *jerobebeba*),

⁹ Como no caso de "*peréua* ou *meréua*" citado no *DIB*, algumas das formas com "u" (em vez de "b" ou "v") no *DHPT* são de fontes que se referem à Amazonia e devem, portanto, reflectir diferenças entre línguas indígenas de origem comum (cf. nota 3, *supra*). Outras formas com "u" nos verbetes dessa obra parecem provir do simples uso da letra *u* em vez de *v* nalguns dos textos coloniais citados. O *DHPT* não distingue entre as diversas línguas do tronco tupi no tratamento da documentação levantada.

juriva (*juriba*, *juriva*), *maçarandiba* (*maçarandiva*, entre outras), *mangaba* (com as variantes *mangaua*, *manguaia*, *manguava* e os derivados *mangabeira*, *mangaveira*, *mangaveira*), *manaiha* (com as variantes *maniba* e *manvi*, entre outros, e o derivado *manveira*), *miaçaba* (*miassiva*), *miúva* (*miúba*), *pacova* (com o deriv *pacoval* e a var *pacoba*), *patativa* (*patatiba*), *peaçaba* (*peaçava*), *piaba* (*piava* e *pêava*, entre outras), *piaçaba* (*priasaua*, *piassaua* e *piaçiva*, entre outras), *pindoba* (*pindonia* e *pindova*, entre outras), *potaba* (*potava*), *saiiva* (*ussaiiba* e *saiiba*, entre outras), *tiriba* (*tiriuo*, *teriba*), *urumbeba* (*urumbeva*)

Nesse conjunto de dados nota-se que, quando há duas ou mais formas do mesmo vocábulo no tocante à variação entre "b" e "v", é a forma com "b" que mais frequentemente se apresenta como sendo a principal, embora também haja casos em que é dada como principal a forma com "v". Aliás, verifica-se, de modo geral, que "b" é mais frequente do que "v" nos contextos em que a alternância se manifesta, tanto nos vocábulos que constam do *DHPT*, como nas informações das outras fontes aqui consideradas

14 Ferreira (1986) Até que ponto será registada nos léxicos gerais da língua portuguesa a variação entre "b" e "v" evidenciada em trabalhos que tratam dos brasileirismos em geral ou então especialmente de palavras típicas do português do Brasil derivadas de línguas indígenas? Para abordar essa questão, foi consultada a edição corrente do dicionário geral brasileiro actualmente mais cotado, Ferreira (1986), que se conhece comumente pelo nome de "Aurélio"¹⁰ Seguem-se algumas observações sobre o tratamento dado nesse dicionário à variação que também se encontra registada nas outras fontes referidas.

Nos verbetes sobre várias das palavras com formas que se distinguem pela alternância entre "b" e "v", o "Aurélio" indica a mesma diferença e a mesma relação entre forma principal e variante

¹⁰ Ferreira, Aurélio Buarque de Hollanda *Novo dicionário da língua portuguesa* 2^a ed., Rio de Janeiro, 1986. Da primeira edição (1975), foram tiradas impressões sucessivas até 1985, sem indicação das respectivas datas (*apud* Almeida, 1988). Na capa, lê-se em letras maiúsculas, logo a seguir à palavra *dicionário*, o nome *Aurélio*, como se fizesse parte do título. Na publicidade feita pela editora, é comum citar a obra como o *Novo dicionário Aurélio*

apresentadas em outras fontes usadas no presente trabalho. Isso ocorre, por exemplo, nos verbetes referentes a *itaipava*, *pereba*, *xerembabo*, *jaguapeba*, *pacupeba*, *piaba* e *piaçaba*. Em outros casos, porém, indica uma relação entre as variantes com "b" ou "v" que difere daquela que se encontra em outras fontes consideradas neste estudo. Isso ocorre, por exemplo, com as seguintes formas, dadas como principais no "Aurélio": *moranduba*, *pacova*, *hoipeva*, *juruva* e *bitu*.¹¹ Por outro lado, *guapeba* e *guapeva* são tratadas como vocábulos diferentes, com verbetes distintos, ao contrário do *DVB* e de outros trabalhos, tais como Figueiredo (1936, *q.v.*) e Amaral (1920, *q.v.*)¹² Finalmente, nalguns casos o "Aurélio" indica uma só forma, enquanto outros trabalhos referem duas ou mais. Por exemplo, a obra apresenta as seguintes palavras como tendo formas unicamente com "b" ou com "v": *aíva*, *bicutiba*, *paraíba* (com dois verbetes distintos), *piracanjuba*, *jataipeva*, *peroba*, *coivara*, *jurubeba* (ou *jurumbeba*, mas nenhuma forma com "v") e *patativa*. Nesses casos, nota-se que o Autor não manifesta preferência geral por qualquer dos tipos, com "b" ou com "v".

1.5. Rossi et alii (1963). No *Atlas Prévio dos Falares Baianos (APFB, Rossi et alii)*, encontra-se um conjunto de dados que exemplificam a alternância entre "b" e "v" em palavras de origem indígena na linguagem popular rural: as diversas formas dos termos empregados para designar o caule da mandioca, *manaiha* / *manaiwa* e *maniba* / *maniva*.¹³ De acordo com as informações

¹¹ Quanto à selecção da forma principal, a comparação entre as fontes citadas também revela diferenças nesse aspecto entre os verbetes do *Dicionário de vocábulos brasileiros* e os do *DHPT*: este averba *pacova* como forma principal, enquanto aquele dá preferência à forma *pacoba*. (As formas portuguesas referidas por Rodrigues (1958) provêm do *PDB*, 9ª edição; são apresentadas por ordem alfabética, sem indicação de prioridade.)

¹² Amaral (*op. cit.*) inclui dois verbetes diferentes com o título GUÁPÉVA, sendo que um deles se refere a uma forma reduzida de *jaguapeva*.

¹³ São muito importantes na linguagem rural os termos referentes à mandioca. Segundo Cunha (*op. cit.*, p. 197, no verbete sobre *mandioca*), "Nenhum outro vocábulo de origem tupi está tão amplamente documentado na língua portuguesa." Embora raramente conhecidas pelos habitantes dos meios urbanos, as formas que se referem ao caule desta planta (tais como *manaiha* e as suas

registadas no respectivo mapa (Carta 29) do APFB, de entre os 91 informantes que responderam à respectiva pergunta no inquérito, 48 usaram formas com "b" e 47 empregaram formas com "v" (Quatro empregaram formas de ambos os tipos). Embora limitados, bastam estes dados para confirmar a ocorrência da alternância entre "b" e "v" em palavras de origem indígena na linguagem popular rural.

2 Análise dos dados. sincronia e diacronia.

Os dados das diversas fontes consultadas indicam que a alternância entre "b" e "v" em palavras de origem indígena está bem documentada desde o período colonial até ao presente. As citações de Rodrigues (1958), do DHPT e do "Aurélio" mostram a representação dessa alternância em textos literários e não literários de diversas épocas; o DVB menciona vários exemplos da diferença de pronúncia correspondente, e o APFB documenta essa alternância fonológica na linguagem popular rural.

2.1. Sincronia. Qual a natureza fonética da alternância contemporânea entre "b" e "v"? Que factores extralinguísticos influem no uso desta ou daquela variante?

Segundo os dados do APFB, os termos da alternância fonética são os segmentos [b] e [v], tanto no caso do referido exemplo de formas de origem indígena (*manaíba* e suas variantes), como em palavras do léxico comum tradicional onde se encontra semelhante alternância.¹⁴

variantes, documentadas do séc. XVI até hoje) também são importantes na linguagem rural.

¹⁴ Nos dados do APFB, a alternância entre [b] e [v] também está documentada nas respostas que correspondem às palavras *bassoura* ("bassora"), *varrer* ("barrer"), *vibora* ("biba" e "bribo", entre outras) e *belida* (com predomínio de "vilide" nas respostas). Ao contrário do que se verifica no português europeu, a alternância na linguagem popular do Brasil não se estende ao léxico em geral (cf., por exemplo, os dados do APFB referentes às palavras *veia*, em *veia d'água*, *virar*, em *virar cambalhota*, e *trovoada*, onde não ocorre [b] em vez de [v]), e não chega a constituir um caso de neutralização. A alternância entre "b" e "v" em palavras do léxico comum tradicional no português do Brasil carece dum estudo aprofundado. (V. Head 1987: 265-6.)

Quanto à possível influência de factores extralinguísticos, uma comparação entre os dados referentes aos termos que significam "caule da mandioca" (*manaiha* e formas afins) e os que dizem respeito aos termos que significam "axila" (*sovaco*, entre outros) revela uma diferença notável segundo o grau de instrução dos informantes: se a distribuição das formas com [b] e com [v] é bastante equilibrada no caso de *manaiha* e das suas variantes (tanto entre os informantes analfabetos como entre os "outros", alfabetizados, com uma diferença insignificante a favor de [v]), já no caso de *sovaco*, embora o uso de [b] seja apenas um pouco mais frequente entre os informantes analfabetos, o uso de [v] predomina de longe entre os informantes não analfabetos (os "outros"), como mostra a tabela seguinte:¹⁵

	<i>manaiha</i> (e variantes)		<i>sovaco</i>		
	[b]	[v]	[b]	[v]	
analfabetos (n=71)	51%	53%	analfabetos (n=61)	54%	48%
outros (n=18)	50%	56%	outros (n=23)	16%	84%

Tabela 1. Uso de [b] e [v] segundo o grau de instrução (Baseado nos dados das Cartas 29 e 58, *APL/B*)

A distribuição dos dados da tabela indica que (1) o grau de instrução não é relevante no uso de [b] ou [v] nas formas de *manaiha*, palavra de origem indígena, e que (2) no caso de *sovaco*, o uso de [b] é relativamente favorecido pelo analfabetismo, enquanto o uso de [v] aumenta muito com a alfabetização. Assim, neste último caso (mas não naquele), o uso de [b] será estigmatizado, pois com a escolaridade essa variante tende a ser substituída pelo [v]. Em contraste, nenhum dos dois usos

¹⁵ Em contraste com a categoria dos analfabetos, a categoria "outros" abrange pessoas semi-alfabetizadas, alfabetizadas e com instrução primária, segundo as diferenças no "grau de instrução" indicadas nos dados sobre os informantes (Rossi *et alii*, pp. 10-14).

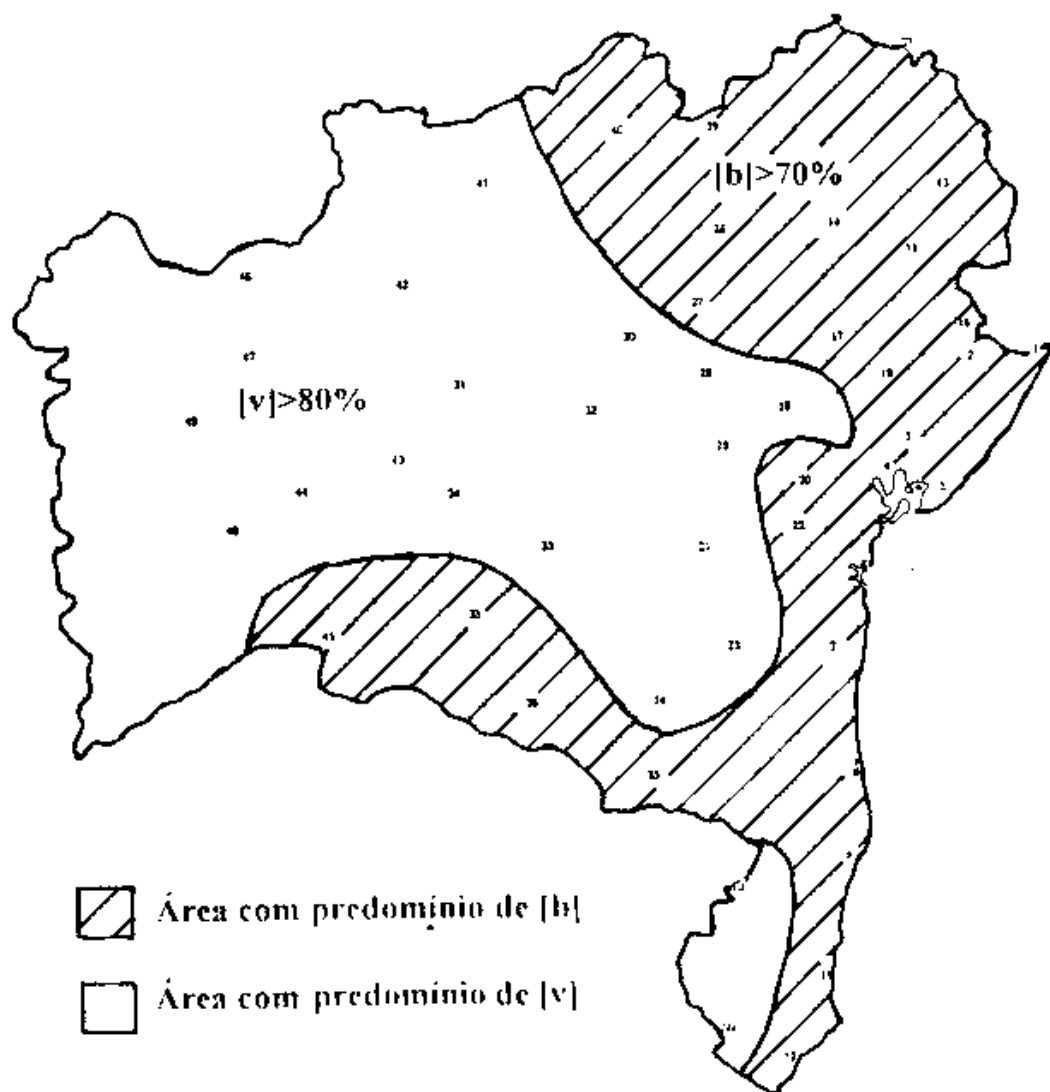
(com [b] ou com [v]) será socialmente marcado no caso de *manaiha*. A serem representativos duma diferença geral, esses dados demonstram que o valor social da alternância entre [b] e [v] varia de um domínio do léxico para outro.

Quanto à distribuição geográfica, os dados referentes a *sovaco* não manifestam nenhuma separação geográfica diferenciada notável, mas os dados referentes a *manaiha* e as suas variantes apresentam uma distribuição por áreas diferentes, de acordo com o uso mais frequente de cada tipo de realização, com [b] ou com [v] (1) uma área a leste, onde se regista mais de 70% de predomínio de formas com [b], e que abrange todo o litoral (incluindo-se a capital) e duas regiões extensas ao norte e ao sul, e (2) outra área, com mais de 80% de predomínio de formas com [v], e que inclui uma grande região a oeste, no interior do Estado, e, separada desta, uma região menor no extremo sul.¹⁶

As áreas com predomínio de [b] e de [v] estão indicadas no seguinte mapa¹⁷

¹⁶ Ao contrário do que alguns pensavam antigamente, as variedades linguísticas não se distinguem em geral por diferenças absolutas, mas antes por diferenças *relativas*, que se manifestam não raramente pela maior ou menor frequência desta ou daquela variante. A constatação da grande variedade entre e dentro dos falares brasileiros leva C. Cunha (1986: 200) a afirmar: "O mito da unidade da língua popular [no Brasil] está sendo progressivamente desmentido pelos atlas linguísticos que se vão publicando. Ao contrário, o que eles começam a ensinar-nos é que a característica fundamental dos falares brasileiros reside no seu caráter vacilante, no seu acentuado polimorfismo."

¹⁷ Não é óbvia a causa da diferença na distribuição geográfica entre as áreas com predomínio de [b] ou de [v] nos dados referidos. Poder-se-ia pensar num carácter mais arcaico das variantes com [v], com preservação na área mais conservadora (o interior), mas as datas das abonações do *DHPT* referentes a variantes com "b" ou com "v" não revela nenhuma ordem cronológica relativamente estável entre elas. No entanto, há outra indicação de um predomínio relativo das formas com "v" (das palavras de origem indígena) no interior: nas informações sobre elementos indígenas na linguagem popular do interior de São Paulo, A. Amaral (*op. cit.*) lista um maior número de variantes com "v" do que com "b".



Mapa das ocorrências de [b] e [v] nas variantes de *manaiha*.
 (Baseado nos dados do *APIB*, carta 29, "caule da mandioca".)

2.2 Diacronia Qual a origem dessa alternância? Por que razão se manteve até hoje?

O primeiro passo necessário com vista à obtenção de respostas para tais perguntas é considerar a natureza fonética do(s) respectivo(s) segmento(s) na(s) língua(s) de origem. No tupi antigo, segundo Anchieta (1595: 4), "V consoante não se acha conforme â cômum, & melhor pronúncia saluo nos que mudão, o b em v como os gallegos, vt pro *abã*, dizendo, *uuã*". Por sua vez, Barbosa (1956: 28) afirma "O *h* intervocálico é débil, próximo de *v*. Como no espanhol *caber*". Assim, segundo este autor, havia no próprio tupi antigo um som semelhante a "b" e a "v" (talvez uma consoante bilabial contínua, do tipo a que alguns chamam "oclusiva imperfeita"), enquanto Anchieta sugere que existia uma alternância nessa língua semelhante àquela que se encontra em palavras dela derivadas no português do Brasil.

Não é impossível que uma alternância na língua que transmite os empréstimos se reflita na língua que os recebe.¹⁸ Há, porém, outra hipótese que se me afigura mais plausível: que a alternância entre "b" e "v" nas palavras de origem indígena (especialmente do tupi antigo) seja em parte, se não totalmente, um reflexo das características da linguagem dos colonizadores. Não pode haver dúvida da existência da "troca do b pelo v" no léxico comum da própria língua de origem dos colonizadores portugueses (especialmente no falar dos do Norte).¹⁹ é provável que esta característica tenha influído

¹⁸ Alguns autores atribuem determinadas propriedades da pronúncia do português do Brasil à simples transferência de características da fonologia indígena para esta língua. Por exemplo, J. Raimundo (1926), depois de afirmar reiteradamente que a mesma palavra do tupi [antigo] podia ter mais de uma forma (pp. 67-74), atribui várias propriedades da pronúncia popular rural à influência indígena (pp. 125-6) -- mas essas propriedades encontram-se, sem exceção, em fases anteriores do português. (Sobre a conservação de características do português arcaico no Brasil, vejam-se, entre outros, C. Cunha, *op. cit.*, pp. 202-6, G. Chaves de Melo, 1981, J. Penha, 1971.)

¹⁹ No trabalho mais importante até hoje sobre a história da alternância entre "b" e "v" em palavras comuns da linguagem popular em Portugal, A. Pinto (1980: 635) afirma "com base em textos de várias épocas" -- desde o séc. XVI aos fins do séc. XVIII, não se fala na realização de *b* por *v*, mas de uma permuta entre estas duas consoantes."

na percepção e na representação (primeiro na fala, depois na escrita) do respectivo segmento na adopção e adaptação de palavras indígenas. Mesmo que se admita (com Anchieta) a alternância, ou então simplesmente uma grande semelhança (como Barbosa) entre os segmentos correspondentes do tupi antigo, a existência da variação entre "b" e "v" em palavras portuguesas na época proporcionava condições favoráveis a semelhante alternância nos empréstimos do tupi antigo.²⁰

Quanto à manutenção da alternância, o presente estudo aponta para dois factores que favorecem um certo equilíbrio – a diferença no uso entre [b] e [v] em palavras de origem indígena não parece ser socialmente relevante (segundo os dados considerados), além disso, ambos os tipos de formas (com "b" ou com "v") estão amplamente documentados, tanto em obras de referência como em textos de diferentes naturezas. Mas também há factores que poderão favorecer um aumento cada vez maior do uso das formas com "b": de modo geral, são estas as formas mais comuns na documentação das obras de referência; além disso, a área onde predominam tais formas, segundo os dados disponíveis no *APFB*, inclui a capital e o litoral, e a sua configuração parece indicar expansão para o interior.

²⁰ Na ocorrência da alternância que se encontra na documentação aqui considerada, poderão influir, além desse factor fundamental, outros de ordem secundária. A diversidade entre as línguas maternas dos autores de textos coloniais favorecia, sem dúvida, diferenças de percepção e de representação das palavras indígenas (e, nalguns casos, das portuguesas de origem indígena). Por outro lado, a alternância presente nalgumas fontes de documentação (no *DHPT*, por exemplo) reflecte, às vezes, diferenças entre diversas línguas do tronco tupi, que deverão ser discriminadas. Além disso, convinha levar em conta a intenção dos autores da documentação citada, dos quais alguns pretendem apresentar palavras portuguesas de origem indígena, enquanto outros tencionam apenas indicar palavras originais na própria língua indígena. O uso das fontes de dados para o presente estudo revelou a este autor a necessidade de um trabalho, feito por um especialista em línguas indígenas, sobre problemas lexicográficos referentes a palavras de origem indígena, como complemento às considerações metodológicas, sobre o problema da etimologia, apresentadas por Rodrigues (1958: 1-11).

Referências

- Almeida (1988), Atila de. *Dicionários parentes & aderentes*. João Pessoa.
- Amaral (1920), Amadeu. *O dialeto capira*. São Paulo
- Barbosa (1956), A. Lemos. *Curso de tupi antigo. Gramática, exercícios, textos*. Rio de Janeiro
- Beaurepaire-Rohan (1889), Luiz de. *Dicionário de vocábulos brasileiros*. Rio de Janeiro
- Chaves de Melo (1981), Gladestone. *A língua do Brasil*. 4ª ed. Rio de Janeiro
- A. Cunha (1982), [Antonio] Geraldo da. *Dic. histórico das palavras portuguesas de origem tupi* 2ª. ed., São Paulo
- C. Cunha (1986), [Celso]. "Conservação e inovação no português do Brasil" in: *O Eixo e a Roda* (Faculdade de Letras, UFMG, Belo Horizonte), 5 199-230
- Ferreira (1986), Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário da língua portuguesa* 2ª ed., Rio de Janeiro.
- Figueiredo (1936), Antônio Cândido de. *Novo dicionário da língua portuguesa*. 5ª ed., Lisboa.
- Head (1987), Brian F. "Relações históricas entre variedades rurais da língua portuguesa em Portugal e no Brasil" in: *Actas, 3º. Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*, Lisboa, pp. 261-291.
- PDB = Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*. 9ª. ed., Rio de Janeiro, 1951
- Penha (1971), João Alves. *Traços arcaicos do português popular do Brasil*. Franca
- Pinto (1980), Adelina Angélica. "A neutralização da oposição fonológica v:b em português: estudo sincrónico e diacrónico" in: *Biblos*, 56: 599-651
- Raimundo (1926), Jacques. *Influência do tupi no português*. Rio de Janeiro
- Rodrigues (1958), Aryon Dall'Igna. "Contribuição para a etimologia dos brasileirismos" in *Revista Portuguesa de Filologia*, 9: 1-54.
- Rodrigues (1986), Aryon Dall'Igna. *Línguas Brasileiras. Para o conhecimento das línguas indígenas*. São Paulo
- Rossi et alii (1963), Nelson. *Atlas Prévio dos Falares Baianos*. Rio de Janeiro